

Eliane CAMARGO
URA 1026 - CNRS
44, rue de l'Amiral Mouchez
75014 - Paris - França

Paula MORGADO
~~Laboratório de Antropologia Social~~ UH11
Universidade de São Paulo
São Paulo - Brasil

EDUCAÇÃO ESCOLAR APARAI : Estudo etno-linguístico.

..Generalidades :

Os Aparai mantêm um contato constante, mesmo que esporádico, com a cultura regional não-ameríndia (nestes últimos) trinta anos. Esta mesma época é marcada pela presença permanente de um casal de missionários americanos cuja meta universal é aprender o indispensável da língua para traduzir o Novo Testamento e converter o grupo em suas ideologias religiosas. A prática de proselitismo, instrumento corrente de missionários principalmente dos fundamentalistas do Instituto de Linguística de Verão, se assemelha aos métodos utilizados por agências missionárias dedicadas a realização de projetos sociais, como a instalação de cantinas, sanitários, e educacionais, instalando assim uma elite indígena. A construção de uma igreja é a primeira pedra do alicerce. A tentativa de cooperativa em comunidades indígenas é um experiência dramática. O querer aliviar as comunidades da dependência econômica que caracteriza a sua relação com os brancos, criou a elite na sociedade ameríndia¹, com o papel moeda símbolo de poder para os que têm acesso ao produto (compra e venda nas cidades). A educação entra, nesses casos, como pano de fundo para a ponte de ligação entre o entendimento e contato de culturas extremamente diferentes. A questão escolar funciona muito bem como resposta a um consenso político-social de "ajuda" moral-humanitária às culturas minoritárias. O ILV desenvolve uma política linguística por delegação; isto é *des politiques menées au sein d'un Etat et au nom de l'Etat, par un élément extérieur à l'Etat* (J-L CALVET. La guerre des langues et les politiques linguistiques, 1987 : 205). No Peru, o ILV trabalha diretamente e sob a custódia do Ministério da Educação. No Brasil, mesmo que em 1977, sob ordem do Ministério do Interior, o ILV deveria sair de áreas indígenas, conservou bases em Porto Velho, em Cuiabá, em Belém e em Manaus. E recentemente, passaram a colaborar, com o **know-how** linguístico, em um projeto unversitário de descrição de línguas na Amazônia, organizado pela

¹Conheço pessoalmente o caso caxinauá, grupo da família linguística pano, que dispõe em várias comunidades de uma cantina. Projeto implantado e defendido por um antropólogo da região, mas a implantação de cantinas é um mecanismo bastante apoiado pelo ILV. No discurso, a cantina pertence à comunidade e é para o bem "econômico desta", mas na prática o chefe político (e seus aliados) mantêm o controle dos produtos, das vendas e das compras. Os demais membros além de trabalharem para abastecer a cantina, endividam-se com o preço exuberante dos produtos. O chefe passa a ser o patrão e o atravessador.
exorbitante

UFSC. O trabalho desta doutrina lingüística ideológica não é científica; mas prosélita.

A realidade de contato de culturas diversas, em território brasileiro, depara-se com a tomada de responsabilidade política e econômica progressiva dos ameríndios enfrentados com a presença do homem não-ameríndio, mesmo que, no caso waiana-aparaí, o acesso a partir de Macapá em território indígena é feito unicamente por via aérea. Mas a educação, na maioria das vezes termo mal empregado semanticamente pelos ameríndios, é a apelação de base-socorro a comunicação econômica entre a sociedade do Branco e a dos Ameríndios. A realidade da educação indígena é um problema nada simples, principalmente que, na maioria dos casos, ela foi e é implantada sob a transparência ideológica do proselitismo missionário.

Educação :

Os Aparai dispõem de uma escola, de material de aprendizagem em língua vernacular e em português, elaborados pelos missionários Koehn do ILV. A tarefa educacional é atualmente prosseguida por um missionário da CBN (CNB) Lembramos, no entanto, que a educação escolar não se restringe em cartilhas e em livretos de cantos bíblicos e principalmente que o objetivo não deve ser prosélito.

Assim, ao falar em educação indígena, muitas vezes demandada pelos próprios membros do grupo em questão, devemos também entender que a ela se insere um conhecimento da cultura tradicional e da(s) língua(s) vernacular(es) local(is). Ao tentar elaborar um método educacional deve-se antes de mais nada, penso eu, discutir sobre a meta a ser aplicada :

1- suscitar entre aqueles que trabalharam como monitores de educação a questão da atitude e da conceptualização metalingüística.

2- valorizar a estrutura lingüística da(s) língua(s) local(is) enquanto língua de cultura.

3- despertar a valorização da língua e cultura vernacular face a outros contextos (etno-)lingüísticos.

4 - Educação indígena é quase sinônimo de «grafia». Antes de pôr em prática os materiais de base de educação, necessita-se estabelecer a grafia da língua. A normalização da escrita, requer antes de mais nada um estudo preliminar do sistema fonológico (fonemas e alofones) da língua e discussões sobre problemas morfofonológicos (morfemas, alomorfes e modificações fonéticas : assimilação, epêntese; fusão, metátese, nasalização, etc...). Pelo que pude notar, em aparai existe consoantes pré-nasalizadas negligenciadas pelos Koehn, talvez devido as complicações morfofonológicas difíceis a analisar, a entender e principalmente a resolver.

A escrita em uma língua a tradição oral deve ser refletida; ela não pode ser eternamente empírica. Deve-se ao mesmo tempo, expôr ao grupo com o qual se trabalha, que o sistema lingüístico das línguas naturais evolui, aparecendo com o tempo variações fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas (eis, o campo da lingüística histórica). Línguas e dialetos evoluem. O sistema fonético pode apresentar variações fônicas importantes, em francês 'rei' escreve-se **roi** e lê-se [rwa] ou em português 'muito' lê-se [mu:jntu]. Na sintaxe, nota-se a introdução, por enquanto fenômeno oral em português do Brasil e em espanhol de alguns países latinos, a Colômbia por exemplo, do verbo «Ser» após um verbo intransitivo : ir.

vou à escola.

vou é a escola.

A primeira frase é aceita pela norma acadêmica da língua portuguesa, enquanto que a segunda é uma realidade da língua ainda não adotada pelos gramáticos.

A diferenciação de uma mesma língua falada em regiões diferentes com sentimentos lingüísticos diferentes mostra uma complexidade no comportamento lingüístico do(s) falante(s) :

Portugal	Brasil
'vi-a'	'vi ela'
'dê-me'	'me dá'

Nota-se assim que mesmo em línguas à tradição escrita a norma gráfica às vezes não acompanha o sentimento lingüístico da língua que evolui. Mas, dispomos de certas normas de base e podemos aplicá-las : o estudo fonológico para conhecer a estrutura fônica da língua em estudo.

5 - O monitor de educação não-waiana-aparaí deve conhecer a língua vernácula e a cultura local. Dificilmente, obtém-se resultados satisfatórios com monitores de educação que trabalham com um grupo lingüístico que não é do conhecimento dele. Para isso, deve-se, antes de mais nada, estudar a língua do ponto de vista lingüístico, com aplicações comunicativas. Em seguida, a questão da implantação de uma educação escolar deve ser discutida e refletida em grupo : especialistas e membros do grupo étnico, que requer uma escola. A cultura tradicional deve ser levada em conta (o conhecimento da cosmologia - mitos; o conhecimento do sistema lingüístico). A aplicação educacional deveria responder às necessidades e à realidade socio-culturais do grupo em questão.

6 - A educação indígena é praticamente um sinônimo de duas línguas simultâneas de trabalho : português X língua indígena. Muitas vezes, o emprego do termo educação bilíngüe é mal adaptado, pois o conceito de bilingüismo deveria ser definido a cada caso diferente. No que se refere aos waiana-aparaí, trata-se efetivamente de uma realidade bilíngüe, pois os membros dessa cultura aprendem a falar simultaneamente as duas línguas do mesmo grupo lingüístico. Já a referência : português-aparaí não tange o

conceito bilingüe, pois o português, para os que o falam, é uma língua de comunicação e não é adquirida em tenra idade nem em uma situação lingüística de língua materna.

Trabalho a ser efetuado :

Em um primeiro momento, penso em fazer uma avaliação da escola e do método educacional implantado, pelos missionários do ILV, em área apaiaí. O material - cartilhas - consultado, mostra que um modelo canônico e tradicional da educação ILViana nas Américas, sem arraigamento de uma concepção local do que seria um material educativo apropriado a uma cultura dada.

O material¹ apaiaí consultado é apresentado da seguinte maneira :

a - apresentação de uma imagem ilustrando a palavra ou o diálogo;

b - apresentação da palavra escrita (página 1):

rato	(faca)
papa	(pai)

c - apresentação de frases, com ordem hierárquica diferente, não fornecendo a nuance semântica entre as duas frases (página 2) :

papa rato nae	'pai tem faca'
rato nae papa	

d - mistura das sílabas da palavra em estudo (página 3) :

rato	papa
ra	pa
a	a

d - apresentação da família silábica (página 3) :

pa	ra
papa	rato

e - ficha de descobrimento das sílabas (página 9) :

nana	a o
na	na no
a	
na	
no	
na no	
pa po	
ra ro	

¹A título de exemplo, ver Sysekerematone - Cartilha Apaiaí 1. 1989.

Metas :

Uma das metas deste estudo interdisciplinar é resgatar a tradição oral, integrando-os aos programas escolares. Elaborar uma cartilha com uma grafia unificada, com um vocabulário para o mais próximo possível da fonologia. Elucidar textos tradicionais e remodelá-los (se fôr necessário), incorporando-os em livros de leitura. Fazer uma introdução à lingüística relacionada com a língua para o que permitirá em primeira instância distinguir as diferentes palavras em uma oração, permitindo assim uma segmentação adequada.

Metodologia a ser experimentada :

- i) gravação de fitas (material básico);
- ii) escutá-las e transcrevê-las;
- iii) estudar pontos gramaticais simples :
 - a) classes de palavras;
 - b) classes de morfemas;
 - c) classificadores (se houver na língua)
- iv) técnica para segmentação das unidades :
 - a) acentuação;
 - b) estrutura canônica da sílaba;
 - c) comutação das palavras na oração e os morfemas nas palavras;
 - d) substituição de uma palavra por outra (processo paradigmático);
- v) analisar as variabilidades de sentido através dos processos de composição e de derivação a partir de um ou de vários radicais.
- vi) estudar o valor semântico dos lexemas nominais e verbais, as categorias lingüísticas e os gramemas.

Ao elaborar um programa de educação em língua indígena, a preocupação primeira é a necessidade de dar uma forma escrita à língua à tradição oral. Em princípio, colabora-se com a transmissão e com a conservação de um patrimônio cultural que de outra forma, com o contato com a sociedade regional brasileira (no caso dos grupos localizados em território brasileiro) corre o risco de se perder parcialmente ou integralmente. Chamo a atenção que, às vezes, o interesse em se ter uma escola não é justamente para trabalhar com a língua vernácula, mas sim com a língua nacional : o português. As necessidades educativas variam muito no interior de cada grupo, mesmo que todos necessitam e querem conhecer o mundo do Outro, o do Branco, por questões de defesa cultural e territorial, de poder reivindicar seus direitos, de poder discutir e de expôr o seu sentimento, o seu pensamento ao Outro, o Branco. Deixo claro que o papel da escola dentro de certos grupos de cultura oral está para ser definido. No caso dos Waiana-Aparai, o papel dela está por se discutir, refletir e definir. A existência de escola em área aparai é real, mas a sua real função, necessidade e ideologia está por ser analisada.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Sub-projeto:

A simbólica do contato vista através do estudo das tradições orais: o caso Wayana-Aparai

Paula Morgado/Eliane Camargo

1. Os Wayana-Aparai no contexto cultural
2. Algumas questões relevantes para a pesquisa etnológica na área
3. A pesquisa: metas/ premissas/ pontos para serem desenvolvidos
4. Previsão orçamentária

1. Os Wayana-Aparai no contexto cultural

Os Wayana-Aparai são dois grupos de língua Caribe, que por um processo de intercassamento, vieram a constituir-se num só grupo na região norte do Estado do Pará fronteira com Amapá. Encontram-se hoje distribuídos em 19 aldeias as margens do rio Paru de Leste, afluente da margem esquerda do rio Amazonas, somando uma população de 350 pessoas (censo de agosto/92). Falantes Wayana e em muito menor número Aparai, encontram-se mais ao norte, distribuídos nos rios Tapanahoni e Litani (Suriname), Lawa e Litani (Guiana Francesa). Enquanto em território nacional é a língua Aparai que predomina, embora hoje a grande maioria tenha a ascendência cruzada e seja bilingue, na Guiana Francesa e Suriname é a língua Wayana que prepondera, uma vez que os intercassamentos não se processaram com a mesma intensidade - a população total não excede a 1500 indivíduos.

Na área cultural da qual fazem parte, tipicamente Caribe, convivem outros grupos tais como os Tiriós, Kaxuyanas (integrados a esse último), Nhamundá, Waimiri, Makuxi, Taulipang, Galibi do Uaçá, Galibi do Diapoque e Waiwai. Integram também a área outros grupos de família Pano (karipuna), Tupi (Waiápi e Zo'ê) e Aruak (Palikur). O contato interétnico entre esses grupos hoje é marcado grandemente pelas fronteiras fundiárias, ou seja, mais intensas no caso de áreas indígenas contíguas, como é caso dos Tiriós, Kaxuyana, Wayana e Aparai, espalhados no PI Tumucumaque, ou os Galibi, Palikur e Karipuna na Reserva do Uaçá. Já o contato intraétnico, nunca obedeceu tais fronteiras. No caso Wayana-Aparai, as trocas intraétnicas continuam a se realizar independente dos rumos que cada grupo local tomou, em território holandês (SU) ou francês (GF) e, no que diz respeito ao contato interétnico se restringe aos



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Tiriós, cuja convivência é cada vez mais mais próxima - seja pelo contato esporádico com as duas aldeias Tiriós, localizadas na região do alto Paru de Leste às margens deste rio e, cujo contato esporádico passa a se intensificar graças à formação, há poucos anos, de um núcleo doméstico na aldeia Apalaf e, seja pelas trocas mais frequentes com os Tiriós da Missão Franciscana do rio Paru do Oeste (criada em 1959), graças a linha de voo do Correio Aéreo Nacional criada nos inícios da década de 70 que permitiu um contato mais regular e direto entre estes dois grupos. As relações belicosas com os Tiriós e outros grupos, como os Waiápi do Jari ou com os Zo'e à leste do rio Maicuru, deixaram de ocorrer há mais de cem anos.

A intervenção de agentes assistenciais também ajudou para a criação de condições favoráveis para aproximar tais grupos: 1. Em virtude dos conflitos civis no Suriname que acabaram comprometendo a rede de trocas entre índios e brancos, os Tiriós do Alto Paru de Leste passaram a exigir assistência no posto da FUNAI de Apalaf; a população de Tiriós em território brasileiro também começou a crescer em função de tais conflitos que fizeram com muitos Tiriós deixassem suas aldeias em território holandês; 2. Os missionários do SIL, auxiliados nos últimos anos por missionárias da CEN (Convenção Batista Nacional) ajudam na formação religiosa de "pastores" Tiriós, instruídos pela Missão "West Indian Mission" do Suriname; 3. A FAB, através de sua linha regular de voo, favorece o deslocamento de ambos os grupos a partir da década de 70. Os intercassamentos ainda são poucos mas os jovens que estudam na escola da aldeia Apalaf têm colegas Tiriós, outros frequentam as atividades religiosas conjuntas, de modo que alguns Wayana-Aparai já começam a querer ser "trilingues".

Como grande parte dos grupos da faixa central Norte Amazônica, tais grupos (caribe, Tupi e Aruak) permaneceram até a década de 60 relativamente isolados, atingidos pelas frentes espontâneas de exploração de recursos naturais de modo esporádico e não sistemático. Os Wayana-Aparai iniciaram este tipo de contato em fins do século XIX, intensificando-se somente em fins da década de 40. Castanheiros, balateiros, caçadores de pele e garimpeiros travaram sempre um contato de caráter personalista e de dependência mútua, através de um sistema de troca de serviços e bens alimentícios contra bens industrializados. Iniciando-se na década de 60, com os missionários ligados ao SIL, e depois na primeira metade dos anos 70 com a FAB e FUNAI, formou-se um cordão protecionista contra tais frentes. Em contrapartida o contato com a sociedade ocidental moderna e crítica passou a se dar de forma permanente e se realizar não mais de forma personalista mas coletiva. Embora reduzidos os agentes assistenciais (dois missionários em campo, às vezes quatro, dois chefes de posto



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

da FUNAI e poucos auxiliares, visitas mensais da FAB através do Correio Aéreo Nacional, e contatos esporádicos com garimpeiros fora de sua área indígena ao sul), a relação entre índios e brancos se tornou mais complexa e presente na vida dos Wayana-Aparai. As atividades educacionais vinculadas a um trabalho de catequese, a relação paternalista dos agentes acima foram moldando o tipo de relação entre eles e a sociedade nacional. A figura de "parceiro de troca" foi submersa pela de "provedor de bens que, desta vez, se encontrava, num patamar social superior: de um lado, agentes que eram capazes de controlar a propagação de doenças exógenas, de outro, agentes que detinham um saber tecnológico superior.

2. Algumas questões relevantes para a pesquisa etnológica na área

Embora a área onde se encontram os Wayana-Aparai ter sido relativamente bastante visitada, desde as primeiras explorações a partir da segunda metade do século XVIII, oriundas do norte das Guianas, a etnologia se voltou a ela apenas recentemente. Além disso, apesar de ser uma região marcada por sucessivas fusões étnicas e de trocas inter-étnicas, seja através do casamento, seja pelo comércio de bens, a questão do contato, especialmente significativa para se entender a construção da identidade nesta área permaneceu até hoje pouco aprofundada.

Com esta pesquisa não se trata somente de realizar um resgate da história do contato, mas de relacionar o encontro intercultural nos seus diferentes contextos. Para isso achamos necessário afinar as análises das cosmologias dos povos estudados que colocam em evidência o fato das relações de alteridade, forjadas pela cultura, integrarem um conjunto maior que trata da comunicação entre a sociedade e os demais domínios do universo, a natureza e a sobre-natureza. Para se entender os aspectos de tal simbólica do contato, consideramos importante, de um lado, explicitar o contexto histórico na qual são reproduzidas as representações sobre ele e, de outro, a dinâmica cognitiva, que está por detrás dessa construção.

No intercruzamento de universos culturais diferentes, a incorporação de valores exógenos não resulta num sincretismo, sinônimo de uma amálgama econômica de crenças de origens diversas, mas pode significar uma forma de salvar as tradições ao dissimulá-las a tal ponto de ser difícil reconhecê-las. Daí a importância de se fazer uma análise etno-histórica para mostrar que os elementos exógenos não devem ser lidos como sendo fatos históricos , uma vez que cada um pode ser reunido em categorias diferentes daquela cultura da qual ele é oriundo. Por isso alguns elementos são facilmente assimilados às narrativas míticas ou aos rituais,



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

enquanto em outros momentos é possível, por exemplo, encher as versões contraditórias de um mesmo mito. Entretanto, a assimilação não se realiza de qualquer modo: "as mudanças culturais são reduzidas por forças externas mas orquestradas pelo nativo" (Sahlins, 1985:9).

Para se entender esse processo de assimilação deve ser levado em conta as diferenças no processo cognitivo em sociedades orais que se funda na presença da polifonia contrária a teoria da univocidade do sujeito da enunciação: a significação não provém do que os indivíduos querem dizer pois os atos as palavras são vistos como indissociáveis dos contextos concretos nos quais eles são enunciados (vide O. Ducrot, Le Dire et le dit, 1984).

3. A pesquisa

a. Metas

Esta pesquisa tem por meta entender como se realiza na cultura Wayana-Aparai e por ela é construída a questão do contato intraétnico (entre os diversos grupos locais) e interétnico (entre os grupos ameríndios e com os brancos). Nosso recorte será aprofundar os mecanismos da transmissão de conhecimento ou das tradições orais Wayana-Aparai, analisando-as no contexto da educação formal implantada pelos missionários da Sociedade Internacional de Linguística (antigo SIL - Summer Institute of Linguistics) em colaboração com a FUNAI, desde meados da década de 70. A ênfase será dada ao estudo das transformações das formas de comunicação - introdução da escrita pelo ensino formal com raízes catequéticas. Nosso projeto se restringirá, portanto, àquelas transformações sofridas nas formas de transmissão do saber - do saber *esotérico/especializado* (xamanismo, encantamentos, linguagem dos anciãos), do saber *técnico* (cultura material) e do saber *sócio-cosmológico/público* (regras de conduta social, conhecimentos mitológicos e rituais).

Este trabalho será acompanhado por um estudo de etnolinguística, realizado por Eliane Camargo (1), que nos permitirá ver as similitudes e diferenças entre o Aparai e Wayana, indagarmos até onde vai a diferenciação entre elas, o que é que esta fronteira marca conceitualmente aos

1. Eliane Camargo, ligada ao CNRS de Paris, está desenvolvendo um projeto de etno-linguística paralelo, a onde pretende, numa etapa posterior ao estudo elementar do sistema linguístico que compõe a língua Aparai, abordar os mecanismos lexicais e gramaticais por meio da representação do sistema cognitivo detectado pela visão de mundo deste grupo.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

falantes, qual a necessidade cultural dessa diferença e se com o tempo - através do contato com outros grupos ameríndios da região e principalmente não-ameríndios - não está havendo uma alteração nos usos e costumes, alguns dos quais já passaram a fazer parte da língua. Os únicos dados linguísticos disponíveis sobre a língua Aparai deve-se aos trabalhos realizados pelo casal de missionários, Sally e Edward Koehn, cuja trabalho linguístico descritivo vem acompanhado de uma ação evangelizadora. Assim, não é sem tempo o momento de se iniciar uma avaliação deste trabalho, a partir de um outro prisma: o científico.

O enfoque da pesquisa, portanto, se apoia numa análise etno-histórica combinada a uma análise dos aspectos cognitivos e linguísticos. Gostaríamos de ressaltar que os traços culturais que desta análise deriva, não estão desvinculados de processos mentais particulares (atribuições causais, noções de tempo e espaço, etc) da sociedade que se estuda. E que, concomitantemente, tais processos estão continuamente sujeitos também ao tempo e ao espaço, isto é, às circunstâncias sócio-históricas. Além disso, nosso desafio não será apenas de traduzir um sistema de comunicação diferente - que se expressa por outros modos e mecanismos de concepção - mas de trazer para debate o êxito e impasses da "hermenêutica cultural" ou, dito de outra forma, como podemos traduzir "o que" e "como" os outros organizam seu universo de significações. Isto envolve em por evidência o processo de construção da cultura, por quem é estudado e por aquele que a estuda.

b. Premissas

1. A inserção da escrita em sociedades de tradição oral permite a aproximação mais direta com a sociedade ocidental moderna; não apenas mudam as relações sociológicas, como introduz uma nova ordem cognitiva: a aquisição da escrita transforma a natureza dos processos cognitivos, trazendo à tona o pensamento individual. Dito de outro modo, ela permite a discussão do papel do indivíduo no processo criativo em sociedades orais, onde isto, em geral, é posto em segundo plano porque mais difuso que nas sociedades letradas. Refletir sobre o encontro de uma sociedade oral e outra letrada nos leva a pensar como se dá a passagem da "ciência do concreto" à formulações cada vez mais abstratas que definem o modo, por excelência, de comunicação das sociedades ocidentais modernas. Significa pensar as mudanças sofridas na comunicação humana (gestual, mítica, ritual, tecnológica, social, política). Concordando que o "meio é a mensagem", isto é, como e quando são transmitidos os conhecimentos definem o conteúdo da mensagem, analisar os dados históricos é condição *sine qua non* para entendermos esse processo de construção cultural.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

2. Nas sociedades de tradição oral, as idéias dependem mais diretamente das ocasiões que se produzem, ou seja, quando o contexto muda, as práticas tradicionais são mais vulneráveis às mudanças do que em sociedades onde as regras são preservadas em códigos escritos que garantem mais a sua inviolação. A materialização do conhecimento pela escrita permite a sua cumulação, verificação e crítica. Uma vez introduzida na cultura, a questão do armazenamento exclusivamente na memória deixa de fazer parte integral da vida intelectual e, como consequência, a fala deixa de estar presa a uma "ocasião", tornando-se atemporal, despersonalizada e anônima. Entretanto, como a escrita não é só um registro fonográfico também está sujeita à condições históricas, sociais e tecnológicas, suscitando novas formas de atividade linguística ligadas ao desenvolvimento de certas maneiras de colocar e resolver os problemas (vide J.Goody, 1986). Assim, contrária a dedução dos ensos comuns, as mudanças numa sociedade tradicional encontram-se mais latentes para se realizar que em sociedades onde as idéias científicas ou religiosas se cristalizam em dogmas, ensaios acadêmicos ou leis.

c. Questões a serem desenvolvidas

Com o intuito de analisarmos as mudanças culturais, no que diz respeito as tradições, pretendemos dar conta dos seguintes pontos:

1. Caracterizar o papel da palavra e da escrita na sociedade Wayana-Aparai, definindo os tipos de comunicação vigentes (míticos, gestuais, rituais, etc) - descrição dos gêneros orais existentes e caracterização da escrita introduzida pelo ensino formal. Pretende-se mapear o corpus mítico vigente, relacionando a sua maleabilidade e as circunstâncias históricas vividas (como alguns mitos desaparecem, outros se transformam, outros ganham ou perdem força social, etc)
2. Refletir sobre os mecanismos que impulsionam a atividade criadora na transmissão dos diferentes saber (noções cosmológicas e cosmográficas, conhecimento mítico e ritual, etc), aprofundando a compreensão da manipulação das inovações exógenas pelos detentores do saber (xamãs, especialistas de cura, pessoas mais velhas).
3. Iniciar um trabalho comparativo, analisando essas duas questões, nos outros grupos locais, distribuídos no Suriname e Guiana Francesa. Para tanto, pretende-se realizar um levantamento nos arquivos administrativos e do governo sobre a política indigenista e o tipo de assistência que vem sendo realizada nas três áreas, incluindo duas visitas às aldeias de território holandês e francês, com permanência de, no mínimo, 30 dias por viagem.



4. Previsão Orçamentária

1. **Transporte**

- 2 viagens aéreas São Paulo/Macapá (ida e volta)
- 2 viagens aéreas Macapá/Belém (ida e volta)
- 2 viagens aéreas Macapá/Caiena (GF)
- 2 viagens aéreas Macapá/Paramaribo (SU)
- 350 litros de gasolina (p/ transporte fluvial)

2. **Material de consumo**

- 40 fitas cassetes (p/ registro sonoro)
- 10 filmes P&B e 10 filmes slides cor
- 10 cadernos de anotações
- blocos de papel sulfite

3. **Pagamento para informantes**

4. **Compra de bens alimentícios**

5. **Edição de livros didáticos para a escola indígena**

fev/93